

CULTURAS JUVENIS, COTIDIANOS E CURRÍCULOS

Aldo Victorio Filho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Aristóteles de Paula Berino

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Nova Iguaçu, Brasil

Resumo

Embora a idéia dominante de fórmula curricular estipule uma determinada produção do tempo e espaço nas escolas, voltada para a normalização, controle e docilidade dos corpos, esta é estilhaçada em sua recepção pelos alunos praticantes, sujeitos que correspondem de forma desconfortada o pensar e o fazer que o currículo enseja palmo a palmo. A pulverização apontada dos ditames e imposições do aparato escolar oficial é percebida nas práticas cotidianas dos protagonistas das escolas. Seus modos e maneiras de viver as realidades educacionais apontam formidáveis criações de suas próprias imagens, redes de afetos e leituras do mundo, bem como os indícios que externam do que escrevem e inscrevem de seus próprios mundos. A partir de três fotografias selecionadas, discorreremos sobre a energia criadora que configura o que denominamos currículo líquido. Na perspectiva deste trabalho, um permanente e imprescindível fluxo de ações, encontros e acontecimentos que geram os sentidos da escola pública contemporânea, a despeito do que as políticas que a regulam pretendam reduzi-la.

Palavras-chave: imagens de viver; imagens de conhecer; imagens de prazer.

Abstract

Although the dominating idea of curricular formula stipulates a specific production of time and space at schools, guided to adjustment, control and sweetness of bodies, it is broken into pieces when received by active students, who correspond to a displaced way of doing and thinking what the curriculum expects of them, inch by inch. The pulverization of rules and impositions of the official school display is realized through everyday practices of schools protagonists. Their ways and manners of living the educational reality point out formidable creations of their own images, affection networks and world reading, as well as traces that express what they write and book about their own worlds. From three selected photographs, we consider the creative energy that forms what we call fluid curriculum. Under the perspective of this work, a permanent and vital flow of actions, encounters and events that generate the senses of contemporary public school, despite what policies that rule it want to reduce it.

Key-words: Living Images; Knowledge Images; Pleasure Images.

Introdução

Os espaços escolares e os seus praticantes constituem um desafio para qualquer tradução que se queira fidedigna do seu “real” acontecimento. Para o pesquisador que é, ao mesmo tempo, elemento integrante do campo pesquisado, os movimentos investigativos e abordagens necessárias assumem complexidade radical. O desafio é criar entendimentos, elaborar leituras sobre o texto dinâmico, permanentemente desdobrado em muitas facetas, da vida que acontece para além das delimitações do que se pretendeu estabelecer para conduzi-la. A escola desenhada com fins determinados pela institucionalidade educacional, na dinâmica do cotidiano, reduz-se a uma inquietante interrogação, ou seja, uma curiosa configuração de contrastes e contradições.

Marcante na elaboração desta escrita é a nossa própria experiência. Até recentemente lecionávamos também como professores na educação básica. Vestígio que investimos na abordagem específica da leitura dos elementos que mais se destacam ao nosso olhar e percepção: as imagens da cotidianidade. São fugazes configurações que, a despeito do ritmo das rotinas previsíveis, reluzem aqui e ali dispersas no dia-a-dia. Reluzem, sobretudo, no panorama que interessa aos que trabalham com a microssociologia do cotidiano, fértil campo de fragmentos e completudes indiciárias da vida que urge deslindar. Vida que, permanentemente, se reconstitui e escorre em outras ordens para além do que foi teorizado e colonizado. Distante, portanto, dos sistemas tradutórios e categorizadores vigentes que a pretendem circunscrever. Referimo-nos à grande parte da teorização da educação, que pouco tem favorecido efetivamente aos autores e praticantes da vida nas escolas, pois, via de regra, desprezam muito do que é oferecido pelas aparentemente banais ações cotidianas. As pequenas ocorrências pulverizadas no fluxo líquido do cotidiano são, de fato, realizações e reinvenções de formas de manutenção da própria vida, fazeres que expõem, na nossa perspectiva, a cotidianidade como fonte vital de conhecimento, na medida em que a produção do conhecimento é indispensável às ações de promoção da existência humana, o que se dá, inexoravelmente, nos modos de ser e agir diários.

As imagens que nos interessam como manancial de conhecimento sobre a educação, suas práticas e as formulações das redes curriculares do cotidiano, nem sempre se limitam aos territórios físicos da escola. Mas, mesmo quando não ocorrem no espaço formal da educação não se perdem como elementos sinalizadores de uma ambição pedagógica transformadora. A primeira imagem, em sua banalidade, estampa o companheirismo, o jogo do encontro, o pertencimento tribal de que nos fala Maffesoli, a estética juvenil, enfim muitas possibilidades de leituras do cotidiano como fonte de saberes que fluem, criam, formam e produzem currículos. Currículos líquidos e potentes.

Rapazes juntos



Vejo pelo orkut o álbum de fotografias de um dos meus ex-alunos. Lá, uma determinada foto me chama especial atenção, cinco rapazes, sentados lado a lado em um degrau de frente à câmara fotográfica, fazem o mesmo sinal com a mão direita, ao fundo um menino parece olhar para o céu... Bem próximos um do outro, os rapazes parecem buscar espaço na cena fotográfica. Relaxados, demonstram a camaradagem peculiar aos espaços da rua, nos quais costumam os jovens da periferia se encontrar. As imagens vividas nas escolas arremessam para longe a maior parte das teorias produzidas distantes da experiência empírica dos seus cotidianos, assim como as reflexões que, nós professores, fazemos a respeito do nosso trabalho, por mais cuidadosas e aprofundadas que sejam, contrastam com o acontecimento e com a efervescência dos seus ambientes.

O fato de deixar de lecionar nas escolas não rompe as relações com os ex-alunos. Tocados por seus saberes e incentivados pela nova possibilidade de aproximação, muitos professores são levados à rede virtual de relacionamentos orkut. A despeito de sua já popular existência, alguns são apresentados por seus alunos a essa notável, atual e popular prática cotidiana, por meio da qual é possível conhecer a amplitude das redes de manutenção das relações e formas de se estar próximo à produção dos acontecimentos de suas existências. Trata-se de uma preciosa chance de conhecer outras perspectivas da vida dos jovens estudantes que, no ambiente escolar, aparentam certa uniformidade ocultadora de preferências, de pertencimentos e escolhas. Conhecer muito do que constituem os currículos praticados, mas ocultados pelo próprio curso de sua inapreensível liquidez. Muitas imagens são expostas nos álbuns das páginas pessoais, que, muitas vezes, surpreendem o olhar habituado à organização e à visualidade escolares. Encontros são constatados, modos de viver, indumentárias, festas, realizações diversas. Notáveis redes de eventos que raramente são acolhidos em suas potências nos enredos oficiais da escola.

Observamos que, acima de tudo, quando pensamos em “imagem”, são as imagens visuais as primeiras a serem evocadas, muito provavelmente em decorrência da hegemonia da visualidade nos primeiros contatos com o mundo externo e o forte apego às aparências dos objetos que, na aceleração do tempo, acabam, muitas vezes, por ser o início e o fim do

conhecimento sobre as coisas. Dessa forma, o campo imagético tem sido privilegiado como o universo do visível, do explícito, do iluminado, muito embora as imagens visuais não se reduzam à sua visualidade, ou seja, não limitam sua significação e os sentidos à articulação dos elementos que expõem na sua face alcançável pelo olhar.

A relação com a imagem via o estudo das suas forças, ou seja, de suas potencialidades narrativas, convida a ir além da sua mera constituição visual, aproveitando esta, com o devido cuidado, como plataforma indiciária de partida. Dessa forma, a exploração das imagens, para além das suas superfícies visuais, promete entendimentos importantes nas investidas investigativas das relações sociais cotidianas. É preciso considerar que a valorização do extraordinário produz a banalização das ocorrências frugais do dia-a-dia e, dessa forma, tende a amortecer a percepção das potencialidades narrativas e simbólicas que recheiam o cotidiano. O que leva ao desperdício de pistas de situações e acontecimentos importantes às ações de oposição a tudo que é desfavorável à maioria das pessoas. Certamente, a hierarquização dominante dos eventos e das imagens alicerçam as operações de poder, o que nos leva a reconhecer a potência política das “banalidades” cotidianas e de suas “banais” imagens.

Meio a isso, a vida vai se dando, meio a criações imagéticas que se desdobram, transportam e cumprem seus percursos sobre, entre e a despeito das escalas reguladoras que pretendem oficializar o que deve ser visível, quando e onde pode acontecer sua visibilidade. E nesse fluxo penetram e perpassam todos os espaços, sejam os mais e os menos destacados na escala hegemônica de valores. As imagens juvenis de maior relevância são seus corpos e falas geradores de imagens móveis, transitórias e transitantes de uma torrente de narrativas. Poéticas que explicitam as redes de sentidos por meio das quais seus jovens autores inscrevem e descrevem suas vidas. Redes imagéticas em cujos movimentos fulguram suas criações, reproduções, irrealizações, fabulações e evocações, na permanente produção de suas próprias significações, suas autorias na instauração de seus próprios currículos, assentados em seus *sentimentos de existir*, utilizando a denominação de Todorov (1996, p. 98),

O trânsito ou fluxo imagético que a nós interessa se dá meio às condições que marcam a escola pública do Rio de Janeiro, entre as quais, a mais pregnante é a de valorização mínima por parte dos governos, sejam estaduais ou municipais. Para melhor situarmos esse universo, é preciso sublinhar a ação dos funcionários e professores que representam o contraponto do universo juvenil. É o mundo adulto. Mundo predominantemente da institucionalidade que tenta ocultar sua própria crescente fragilidade relacionada à crise da legitimidade do papel da escola pública nas sociedades capitalistas, agudizada pela hegemonia neoliberal. Entretanto, espaço de produções múltiplas de modos de ser e estar na vida. Essa situação, comum ao ensino público do Rio de Janeiro, evidencia o desbotamento da imagem da escolarização como trajetória indispensável às conquistas sociais, visto que o ensino público parece não ter mais energia para convencer ser um meio eficaz de viabilizar a democratização das benesses que o universo do consumo traiçoeiramente oferece. E sob tal desmanche da imagem, outras imagens emergem, não com o mesmo propósito, mas a

contrapelo daquilo que se esvai, as imagens dos jovens celebra e anuncia outras inesperadas formas de aprender, apreender e produzir o mundo e seus espaços.

Os jovens, diante dos resultados favoráveis das rotinas oficiais – que se mostram cada vez mais ínfimos – conscientes ou não da tibia contribuição da “escolaridade pública” para seu futuro, frente, também, à inexorável concretude das realidades de fora da escola – falta de emprego e de proteção social, exposição constante à violência, ameaça permanente da perda do limitado passe livre, entre muitas outras agruras e violências simbólicas ou não – se vêem ilhados no imediatismo das realizações e fruições que lhes oferecem os seus territórios particulares, espécies de ecossistemas nos quais o mundo pragmático e o imaginário são inseparáveis, que também podem ser compreendidos como a urdidura da complexa rede cultural juvenil.

A produção do imaginário que viabiliza – mesmo que em movimentações intermitentes e aparentemente erráticas – seus cotidianos e que dão textura às suas culturas, toma potencialidade considerável, animadoramente observável nas imagens que criam e vivenciam. Imagens que sugerem que o que vale a pena ser feito por seus autores, e de uma forma ou de outra acaba por ser prioritário, são além das experiências possíveis no âmbito das relações de amizade, coleguismo e companheirismo, às vezes permeadas por seus avessos, a invenção de modos e maneiras de fulgurar no mundo, maneiras, estas, eminentemente estéticas.

Uma dimensão de múltiplas e contrastantes criações identitárias, ora flagrantemente estampadas, ora fugazmente refletidas, nos seus corpos individuais e nos seus corpos coletivos. Observamos que o trânsito das formas de ser e estar no universo juvenil traz consigo dispositivos de defesa contra ações externas que venham a representar interferências reguladoras. Essa constatação permite compreender como a dinâmica das criações imagéticas dos jovens desbota o sentido de permanência da categorização identitária, pois a polifonia e fugacidade de suas imagens abortam a tentação de lhes sistematizar em um desenho qualquer de localizações e caracterizações identificadoras estáveis. É possível aproveitar o que esse universo oferece – em seu dinamismo de produções de linguagens e saberes, de criação de formas e canais de comunicação pessoal e grupal nos quais os jogos das imagens anunciam a força de propulsão – para uma leitura atualizada dos sentidos que são criados nos âmbitos da educação e da complexidade escolar, sentidos que apontamos como próprios à tessitura do que chamamos de currículo líquido.

Voltando à imagem apresentada, seu pano de fundo é uma parede ou muro coberto de tags, assinaturas de grafiteiros. Para os leigos, apenas pichadores. Para o universo ao qual pertencem, apenas jovens comuns, de cujas práticas faz parte o desenvolvimento de assinaturas singulares, criadas dentro de certas convenções gráficas que lhes assemelham, sobretudo para o olhar estrangeiro, as culturas juvenis. Tais assinaturas são elaboradas marcas pessoais, via de regra desenvolvidas nos cadernos escolares, destinadas à exposição em espaços públicos. Tatuagens urbanas desautorizadas que, quanto mais freqüente, visível e inacessível for sua localização, mais valor e destaque confere ao seu autor. Essas intervenções visuais se intrometem na visualidade regulada da cidade, da mesma forma que

seus autores e destinatários de primeira ordem pertencem a tribos estrangeiras à conformidade urbana e social.

Nesta foto, as imagens do plano de fundo poderiam ter sido feitas pelos meninos do primeiro plano. Singulares marcas que se enredam no mesmo espaço e aludem as singularidades dos sujeitos sentados e ao pertencimento tribal que lhes levam a estar juntos na mesma imagem, na aproximação fraterna dos corpos e, provavelmente, dos sonhos e desejos. Falar em sonhos e desejos dos protagonistas da escola, os estudantes, é falar dos currículos que produzem e vivem. Formas ainda invisíveis à institucionalidade educacional, invisíveis às operações maquímicas de toda uma rede de aparatos reguladores que antecedeu ao que Corazza aponta como um pós-currículo (2002, p. 103) e que denominamos currículo líquido. Líquido em sua profusão imagética, em sua torrente de acontecimentos embelezadores e formuladores de saberes que dão conta dos desafios de viver a vida à margem do que a radical segregação neoliberal impõe. Fazer das franjas sociais, nas quais são dispensadas tantas vidas, a centralidade do acontecimento estetizante da vida de cada um dos meninos e meninas que compõem a massa homogeneizada pelas estatísticas oficiais.

Menino com jornal passado no colo



Nos degraus que conduzem à entrada da escola, senta-se o menino. No colo, um jornal gasto. Chama atenção o destaque para a notícia “Romário só no 2º tempo”. Nas últimas semanas, o atacante aproximava-se do gol mil da carreira. Nas páginas esportivas, é o assunto principal. O jornal vencido e a notícia que não se deixava consumir pelo tempo¹, porque seu personagem protagonizava a virtual realização de um grande feito, compõem, na fotografia, uma ilustração da complexidade do cotidiano, com sua estrutura híbrida de tempos e espaços. Não vi o menino lendo a matéria. Mas a arrumação do jornal no seu corpo não nos faz acreditar em uma casualidade qualquer. O título parece ter prendido seu interesse, mesmo para um assunto aparentemente desatualizado diante do caráter diário do jornal. De todo modo, temos aí um acontecimento sem dúvida comum, mas irrequieto para

quem se propõe a investigar as interdependências que caracterizam a natureza da experiência na vida escolar.

Na verdade, não será possível saber o que pensava o menino quando recolhia o jornal e no seu colo fazia sobressair a referida matéria. Mas também não é isso que nos interessa problematizar. O que vale a pena ser discutido, com a ajuda desta fotografia, é a característica do tempo e a circunscrição do espaço que delimitam a escola, enquanto desejamos praticar outras artes pedagógicas. Citando Nilda Alves (2001, p. 8), partimos “da idéia de que se a ‘escola’ singularizada e concretizada em um edifício, é uma criação da burguesia ascendente (séculos XIV, XV, XVI e XVII), são incontáveis *espaçostempos* nos quais se *aprendeensina*, em múltiplas redes cotidianas nas quais conhecimentos são criados e trocados”. Em primeiro lugar, então, se desejamos uma atividade potente para o educador, implicada com uma concepção emancipatória da educação, fundamental reconhecer que a escola não deve ser vista como quem procura uma *virtuose*, instituição de realizações apuradas e espetaculares dos seus sujeitos. A escola, com a sua importância, faz parte de uma rede de vivências e sua extensão está entrelaçada com outros lugares de vida. O primado da vida no lugar da edificação dos personagens escolares.

Portanto, o espaço escolar nunca é puro (e não deveria ser assim desejado). Ele é uma mistura feita da presença dos seus sujeitos no mundo. Como são diversas as situações vividas, mesmo na particularidade da escola, o conhecimento é enredado como uma trama. Embora a escola busque uma identidade terminal para o estudante nas suas dependências, isso nunca é absolutamente alcançado. O menino, uniformizado e trazendo consigo, na mochila, os pertences da sala de aulas, deixou que outra motivação realizasse a composição da sua imagem na porta da escola. Mesmo com as normalizações requeridas para ingressar e permanecer na escola, a totalidade da existência não lhe escapa. Uma página de jornal dirá sobre as aventuras do seu pensamento e uma outra paragem da sua existência. A amplitude da existência não pode ser contida pela pretensa vocação escolar para a reclusão do saber e delimitação dos fazeres.

O intervalo entre a publicação da matéria e aquela tarde, quando o menino resolve acolher o jornal em suas mãos, revolve também, na cena escolar, a experiência do tempo. Uma das lutas do poder nas escolas é fixar a presença dos seus sujeitos com práticas que imobilizam o cotidiano na rotina e na previsibilidade. Trata-se de uma utópica harmonia a respeito da *hora de estudar*: precisão entre as tarefas que são coordenadas pela autoridade escolar e a sua realização pelos alunos, sem ocasião para fantasias e devaneios dispersivos. O tempo precisa ser unívoco entre mestres e alunos, mesmo quando estes estiverem desacompanhados. Orientava, por exemplo, o *Ratio Studiorum*²: “Aos nossos escolásticos, aos internos, e aos externos por meio de seus professores não só prescrevia o método de estudar, repetir e disputar, senão também distribuía o tempo de modo que aproveitem bem as horas reservadas ao estudo privado”.

A passagem do tempo, desordenado entre a presença do menino na escola e o jornal velho, revela, contudo, que as ações cotidianas são, na verdade, pouco suscetíveis de premeditação. Referindo-se às ações *comuns* do dia-a-dia, escrevem Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2002, p. 85/86), se “recuperarmos da nossa vida os aspectos

singulares e qualitativos dessas práticas, aparentemente repetidas *ad infinitum*, vamos nos dar conta de que, na forma de fazer cada uma dessas atividades, nunca há repetição”. Enquanto realizamos um ato qualquer, mesmo que corriqueiro, é uma multiplicidade de objetos que assiste a consciência (nem sempre tão consciente...), uma polifonia constitutiva da organização do sujeito que ideal de educação algum poderá contestar, senão através de uma declaração de poder, como aquele que o *Ratio* é: uma redação.

Prosseguindo com a nossa análise, vai nos ajudar outra notícia sobre futebol, desta vez publicada na internet³: *Fluminense faz mistério sobre futuro de Abel*. O que salta desta informação para a elaboração da nossa discussão é o fato de que Abel não era, na verdade, o técnico do Fluminense quando a notícia foi publicada. Mas porque nos interessaria ato falho tão banal? Exatamente porque não se trata de um lapso tão sem importância, pelo menos para a discussão que estamos aqui desenvolvendo. A matéria foi publicada diante da incerteza sobre a permanência do técnico *Joel* no comando da equipe. Especulava-se, então, sobre sua substituição por outro técnico. Por que seu nome foi trocado pelo nome do Abel? Em outra oportunidade Abel foi dispensado do Fluminense e logo após foi bem sucedido no Internacional. Assim, para muitos torcedores do seu ex-clubes, parecia não ter sido correta sua dispensa. Mas, depois de alguns resultados negativos no Internacional, naquele momento, já era vaiado pelos torcedores do clube. Por isso, refletia-se sobre sua volta ao Fluminense. Esta é rede de acontecimentos e fabulações que fizeram com que o autor da matéria fosse traído por duas letras: Joel e Abel.

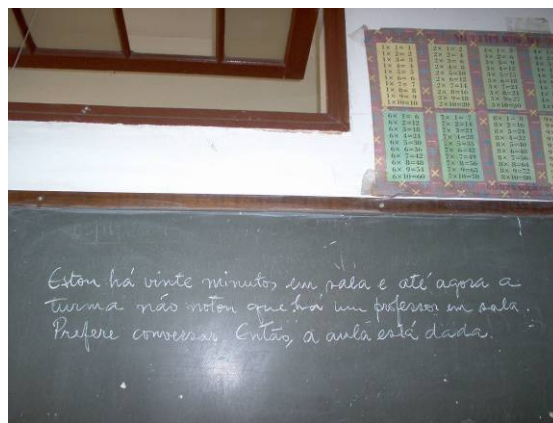
Portanto, o erro cometido foi bem mais do que uma troca de nomes. Não importa descobrir o que exatamente se passou na cabeça do profissional que deu título à matéria. O ambiente analítico aqui é, de outro modo, a própria lacuna deixada entre o nome verdadeiro do técnico do Fluminense (demitido já no dia seguinte) e a lembrança do ex-técnico, naquele momento pretendido por alguns torcedores para voltar ao clube (Abel não voltou), que nos permite lançar um olhar sobre a diversidade de fios que são tecidos⁴ quando acontecem os eventos do cotidiano. Não há simplicidade nem escassez de demandas no cotidiano. Seu estudo demonstra, pelo contrário, significativas ligações entre gestos mínimos (descansar um jornal sobre as pernas ou escrever o título de uma matéria esportiva) e uma torrente de ocorrências que ainda procuram o seu curso.

Retornando à página aberta do jornal que o menino exibia sentado na porta de escola, poderíamos ainda, no exercício de formular hipóteses a respeito da rede de significados possíveis em uma matéria com uma informação já vencida a respeito de uma partida disputada, remeter ao significante (isto é, apenas a imagem sonora da mensagem) extraído do seu título: “Romário só no 2º tempo”. Neste caso teríamos aí um insuspeito contexto escolar revelado e objeto de constante atrito na escola. Quando um/a aluno/a chega atrasado/a, é comum ter a sua entrada interdita no primeiro tempo e ouvir de quem controla a passagem no porta: “só no 2º tempo”. Nesta mesma escola, já presenciei este fato, quando alunos atrasados procuram entrar assim mesmo e se deparam com o ato disciplinar que só permitirá o ingresso no tempo seguinte.

Uma fotografia, imagem de um instantâneo capturado do cotidiano, permite separar para análise aquilo que parece amorfo nas escolas. São pequenos acontecimentos, retratos

de gestos aparentemente sem importância, destacados para uma aproximação em relação às margens móveis, transitórias e mestiças que desenham uma subjetividade, vista mais de perto: um menino sentado na porta da escola com um jornal envelhecido. No entanto, foto que apesar de pouco dizer sobre o que faz, mirando o que é micro, mas particular de sua composição, alguns fios são puxados e, com uma ponderada perspectiva, é uma malha que será posta diante dos olhos. Um entrelaçado de paixões, medos, desejos, esperanças e tudo aquilo cuja emoção movimentava o corpo e, com frequência, servirá para arremessar o espírito para bem longe da escola.

A aula está dada



Aqui começamos quando a aula termina. Quando entrei na sala, não encontrei mais meu colega professor, que já havia passado por ali. Encontrei apenas o comunicado que escreveu à turma no quadro: “Estou a vinte minutos em sala e até agora a turma não notou que há um professor em sala. Prefere conversar. Então, a aula está dada”. Entendo as dificuldades do professor. Naquela escola, no sentido esperado, também não dei muitas aulas. Mas, naquele momento, acreditei que aquele episódio dizia ainda outras coisas. Com a máquina, que usava para algumas fotos relacionadas à minha tese de doutorado, resolvi registrar o que via, para um pensamento posterior.

Agora retorno à foto. Meu colega, neste dia, parecia ter abandonado alguma coisa quando decide deixar aquela mensagem, não apagada mesmo quando trocou de aula. Não escreveu, creio, apenas para seus alunos. A mensagem poderia ser lida por outros personagens da vida escolar. Meu colega, professor de português, deixou registrado no quadro, ali mesmo onde o acontecimento da aula parece ser mais relevante, lugar da procissão de saberes, sua impossibilidade de ensinar. Pena que mirou apenas seus alunos, quando encontrou a oportunidade de rever sua fábula de professor: a invencionice que faz acreditar que se encontra com eles para emitir as competências sem as quais não podem ser “alguém na vida”.

O professor de português, no seu desabafo, tenta livrar-se da irrealização do seu trabalho, uma epopéia frustrada pelo desaparecimento do aluno. Aluno, diz o Houaiss é

“aquele que foi criado e educado por alguém; aquele que teve ou tem alguém por mestre ou preceptor; educando”. Seus alunos evitaram a aula, evitaram que fossem cultivados pelo mestre. Aparentemente preocupado com o juízo sobre suas atribuições, avisa a todos, documentando seus esforços. Ele estava lá, mas seus alunos ignoravam sua presença, sua estimada importância. O problema não era com ele, com a sua identidade de professor, os alunos é que não queriam nada.

A foto nos revela outra escritura, que talvez nos conte mais sobre a escola e os deveres do mestre sem alunos. Na área superior ao quadro, ao lado da janela, há uma tabuada, suspensa e fora do alcance dos alunos. Protegida para não ser arrancada? Estática, sempre presente, parece deflagrar sua morte inevitável na sumária e desestimulante aparição: intacta, incapaz de aguçar sentidos e desejos. Está sempre lá, longe, sem excitar ninguém. Solução didática coerente com toda arquitetura, física e metafísica, da escola. Ao lado da tabuada, a janela aberta. Também suspensa, a janela evita a curiosidade de olhar para fora da sala. Parte desta liturgia que enreda o culto do conhecimento, produz o inesperado enlevo: a vontade de evadir-se daquele assombroso lugar. Tática: ficar insensível à presença do professor. Invisibilidade do aluno que causou no professor de português sua própria desapareição.

As urgências são definidas a partir de atualidades diversas, que a escola geralmente ignora. Assumindo uma visão crítica a respeito de como se configuram o espaço e o tempo no cotidiano escolar, vislumbramos uma conduta de interseção pedagógica, de encontros por onde passam, com um mínimo de atrito, potências diversas, originados da vida, de anseios e perseveranças. É assim que uma poesia foi recebida e agora exposta em trânsito, entre uma sala de aula da educação básica e uma publicação acadêmica:

Escola

M DIGÃO

Eu tô na escola e vejo a vida como um vídeo clipe
Problemas passam como um clique!
lápis e borracha
Se confundem na mão de uma estudante
Eu até entendo quem não tem sabedoria ã se garante
É que eu vim da zona norte
Um lugar pobre
De gente honesta e humilde
Mas gente nobre
Você tem que andar na linha
Tentar manter os pontos
Não se assuste esse é só o começo do ano
Primeira matéria
12 ou 13 problemas para resolver
Não dá nem tempo de pensar no que fazer
E outra matéria

E fica + difícil
Vamos tomar o poder ou continuar passando a limpo ?!

Refrão:
Você quer sair da escola
Mais a sua mente é a escola
Você quer fugir da escola
Mais o mundo inteiro é a escola
(2x)

O que não me reprova fortalece
A sua prova não me causa estresse
Paz e liberdade é o que todo aluno quer
Mais o que cê ta disposto a perder
Quando tal bimestre vier ?
Quer falar de escola? Fala Herbert de Souza!
De paraíso a mais linda subdiretora
Respeito a quem sobrevive a isso tudo
E não precisa mais temer o mundo
Debaixo das provas
Ta ligado sempre tem uma cola
Um pouco de português
Um pouco de história
"Acho que fui traído"
Ah! Puro blá blá blá!
Ta na hora de levantar e zoar!
Intervalo a qualquer custo?
O recreio manda?
E na quadra rola um pagode ou um samba!
Política do medo
É a diretora falando
Mais nunca vão roubar a alma de um aluno malandro!

Refrão:
Você quer sair da escola
Mais a sua mente é a escola
Você quer fugir da escola
Mais o mundo inteiro é a escola
(2x)

E-s-c-o-l-a! cê sai da escola mas a escola não sai de você!
Re-vo-lu-ção! tudo que eu preciso e de uma caneta na mão!
E não preciso abaixar minha cabeça
E nem preciso falar mau de ninguém
O que eu preciso é me focar na minha mina
Me focar na minha aula
Que ai o melhor conceito vem!
Rema! Rema!
E não sabe o que quer
Pra quem não sabe que caminho vai, pega um qualquer!

Me diz aí!
Vai ficar sentado na escola
Ou vamos ser parte de algo e escrever a nossa história?

Refrão:
Você quer sair da escola
Mais a sua mente é a escola
Você quer fugir da escola
Mas o mundo inteiro é a escola.

Então, a aula está dada!

Conclusão

Ensinar tudo a todos, não se trata mais, nem tão pouco pode ser reduzido a um nicho de problemas didáticos, como freqüentemente tem sido visto desde Comenius (1592 – 1670). A dimensão atual do desafio educacional remete, ou antes, arremessa, seus agentes, professores, pesquisadores, alunos e demais sujeitos envolvidos direta ou indiretamente, ao oceano tempestuoso dos enfrentamentos dos princípios fundantes da educação formal, em outros termos, às suas premissas filosóficas. Tal arremesso metaforiza a tarefa inadiável de entendimento e reterritorialização da vida e produção desses atores da cena escolar. Simultânea a essa necessidade de redefinição, cresce a urgência de buscas por novos caminhos e possibilidades de acontecimento de tudo que objetiva a própria educação em seu estado atual, em outros termos, inseparável da sintonia com o nos lega a todos aquilo que uns chamam de capitalismo tardio, pós-capitalismo, pós-industrialização e outros pós. Busca por possibilidades que os históricos investimentos metodológicos em uma educação instrumentalizada não permitiram alcançar. Apontamos, portanto, para um oceano de questionamentos e outras experiências cuja travessia depende, fundamentalmente, do aguçamento da sensibilidade, como rosa dos ventos, ou seja, da reinvenção da sensibilidade, da sensorialidade como potências norteadoras, direcionadas, então, para os muitos aspectos antes dispensados ou não percebidos nas investigações da vida escolar.

Notas

¹ Com uma aproximação digital dos detalhes da fotografia, foi possível identificar a data de publicação do jornal como 7 de fevereiro de 2007, vinte dias antes da realização da fotografia.

² Documento pedagógico que orientava a Companhia de Jesus na organização do ensino.

³ Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/s/20042007/25/esportes-noticias-fluminense-misterio-futuro-abel.html>. Acesso: 20 abr. 2007.

⁴ Em uma nota escrita no artigo Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro, Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira vão explicar a preferência pela palavra *tessitura*, no lugar de construção, quando trabalham com a metáfora de rede. Estamos assim, compartilhando dessa visão.

Referências

- ALVES, Nilda. Imagens das escolas. In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo. **Espaços e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 7 – 17.
- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 78 – 102.
- CORAZZA, Sandra. Diferença pura de um pós-curriculo. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p.103 – 114.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. São Paulo: Record, 2007.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: um ensaio de antropologia geral**. São Paulo: Papyrus, 1996.

Correspondência

Aldo Victorio Filho, Professor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: avictorio@gmail.com

Aristóteles de Paula Berino, Professor do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Brasil.

E-mail: berino@ufrj.br

Texto publicado em [*Currículo sem Fronteiras*](#) com autorização dos autores.
